

**Ianamary Monteiro
Marcondes**

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-4177-9236>
URL <http://lattes.cnpq.br/9060961917500708>
UFPR - IFMS

Tatiane Hilgemberg

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-2112-0944>
URL <http://lattes.cnpq.br/7787909473384451>
UFRR

Doralice Lange de Souza

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-7330-6156>
URL <http://lattes.cnpq.br/6334357189847749>
UFPR

**A cobertura dos jogos
paralímpicos Rio 2016 pelo
Comitê Paralímpico Brasileiro:
investigando questões de gênero**

**The Media Coverage of the
Paralympic Games Rio 2016
by the Brazilian Paralympic
Committee: Investigating
Gender Issues**

**Cobertura de los Juegos
Paralímpicos Río 2016 por el
Comité Paralímpico Brasileño:
Investigando Temas de Género**

RESUMO

O objetivo geral deste artigo foi analisar a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 realizada pela assessoria de imprensa do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), verificando possíveis convergências e divergências na distribuição numérica das publicações e nas formas de representação de atletas homens e mulheres. Os objetivos específicos foram: identificar os critérios de noticiabilidade das publicações; analisar as narrativas a respeito das/dos atletas; verificar a distribuição de publicações e imagens entre os gêneros. Coletamos as matérias publicadas no site do CPB de 01 a 24 de setembro de 2016 e realizamos uma análise quanti-qualitativa dos dados. O principal critério de noticiabilidade foi “resultados/vitórias” e este esteve mais associado aos homens do que às mulheres. As atletas tiveram menor visibilidade e destaque nos textos e nas imagens. A garantia de mais espaço de qualidade para as atletas na cobertura é essencial para a legitimação do paradesporto feminino.

Palavras-chave: Gênero; Esporte Paralímpico; Mídia.

ABSTRACT

The general goal of this study was to analyse the coverage of the Rio 2016 Paralympic Games conducted by the press office of the Brazilian Paralympic Committee (CPB), verifying possible convergences and divergences in the numeric distribution of publications and forms of portrayals of male and female athletes. The specific goals were: to identify the newsworthiness criteria of the publications; to analyse the narratives about the athletes; to verify the distribution of publications and images between genres. We collected the articles published on the CPB website from September 1 to 24, 2016 and performed a quantitative-qualitative analysis of the data. The main news criterion was “results/victories”, which was more associated to men than women. Athletes had less visibility and prominence in texts and images. Ensuring a higher quality presence for athletes in press coverage is essential for legitimizing women’s paraspports.

Keywords: Gender; Paralympic sports; Media

RESUMEN

El objetivo general de este artículo fue analizar la cobertura de los Juegos Paralímpicos Rio 2016 realizada por la oficina de prensa del Comité Paralímpico Brasileño (CPB), verificando posibles convergencias y divergencias en la distribución numérica de publicaciones y representaciones de atletas masculinos y femeninos. Los objetivos específicos fueron: identificar los criterios de noticiabilidad de las publicaciones; analizar las narrativas sobre los atletas; verificar la distribución de publicaciones e imágenes entre géneros. Recolectamos los artículos publicados en el sitio web del CPB del 1 al 24 de septiembre de 2016 y realizamos un análisis cuantitativo-cualitativo de los datos. El criterio principal de publicaciones fue “resultados/victorias” y se aplicó más a los hombres que a las mujeres. Los deportistas tenían menos visibilidad y protagonismo en textos e imágenes. Garantizar más espacio de calidad para las atletas en la cobertura es esencial para legitimar el paradesporte femenino.

Palabras-clave: Género; Deportes Paralímpicos; Media.

Submissão: 22-7-2022

Decisão editorial: 31-10-2023

1 Introdução

Gênero enquanto categoria analítica pode ser compreendido enquanto construção fundamentalmente social de hierarquias pautadas em um sistema de representações que atribui significado entre os sexos (LAURETIS, 2019; SCOTT, 1995). Os estudos de gênero rejeitam o determinismo biológico para explicar a opressão das mulheres (SCOTT, 1995). Os estudos feministas atualmente alertam para a importância de análises interseccionais que considerem como diferentes vetores de poder influenciam as relações sociais, evidenciando que o cruzamento entre gênero e outros marcadores sociais como classe, raça e padrões de normalidade corporal, geram experiências de múltiplas opressões, tais como racismo (HOOKS, 2020; LORDE, 2019a, 2019b), sexismos (WENDEL, 1996) e capacitismos (CAMPEBEL, 2008). Para fins deste trabalho nos deteremos apenas na intersecção entre gênero e deficiência, para que possamos nos aprofundar nesta questão em específico.

Os sexismos são as múltiplas formas de discriminações e opressões fundamentadas no sexo. Mesmo que todas as mulheres vivenciem o sexismo, estas discriminações variam a partir da interseccionalidade com outros marcadores sociais (PISCITELLI, 2008). Já o capacitismo é uma forma de se pensar e de se

agir valorizando determinadas capacidades em detrimento de outras. No âmbito das discussões sobre a deficiência, ele valoriza o que pessoas são capazes de fazer e desvaloriza aqueles que não conseguem – ou supostamente não conseguem – atingir os mesmos padrões (WOLBRING, 2008; CAMPBELL, 2008). Considerando a interseccionalidade entre gênero e deficiência, as mulheres com deficiência carregam maior ônus que mulheres sem deficiência, por sua condição, no mínimo, duplamente estigmatizada (HARDIN; HARDIN, 2005). Estas discriminações são elementos transversais às relações sociais e fazem parte da base do pensamento social e das condições estruturais das sociedades (TEJADA; LÓPEZ, 2018). A superação destas discriminações, portanto, se constitui em um processo complexo, pois demanda a transformação de valores sociais que se constituíram ao longo da história.

O esporte, dentre outras atividades humanas, pode auxiliar tanto na transformação quanto na perpetuação do *status quo* dos sexismos na sociedade. Este *status quo* tem levado à secundarização da mulher no campo esportivo ao longo da história. Até 1979, as mulheres brasileiras eram proibidas de praticar esportes como futebol, levantamento de peso e esportes de combate. Essa proibição baseava-se no Decreto-Lei 3199/41 e na Deliberação No. 7 de 1965 do Conselho Nacional de Esportes do Brasil, que consideravam essas modalidades incompatíveis com o que se supunha ser “natureza feminina”. O esporte era e ainda é um campo majoritariamente masculino (ROCHA, 2020). Embora esta realidade esteja se transformando, o padrão de corpo esportivo ideal ainda é pautado em características consideradas culturalmente masculinas tais como agressividade,

força, independência e coragem (ANTUNOVIC; WHITESIDE, 2018; DEPAUW, 1997; FITZGERALD *et al.*, 2017; MAIKA; DANYLCHUK, 2016; PEARSON, 2020; ROCHA, 2020). Mesmo em casos em que as mulheres possuem tais características, a construção histórica dos estereótipos de gênero e, conseqüentemente das relações de gênero no esporte continua determinando a secundarização das mulheres no campo esportivo, dificultando a legitimação do esporte feminino.

A desvantagem numérica da participação de mulheres no esporte paralímpico fica clara em diferentes contextos, como por exemplo, nos Jogos Paralímpicos (JP). Os JP Rio 2016, reuniu 4.328 atletas, de 159 países, em eventos de 22 modalidades. Deste total de atletas, 2.657 homens (61,4%) e 1.671 mulheres (38,6%) (IPC, 2022). Em sua última edição, Tóquio 2020¹, participaram ao todo 4403 atletas, sendo 2550 homens (58%) e 1853 mulheres (42%) (IPC, 2021). Embora a diferença no número de atletas de ambos os gêneros tenha diminuído, as mulheres continuam em número inferior ao de homens participantes nos Jogos.

Além disso, estudos apontam que as atletas paralímpicas têm sido também sub-representadas e/ou estigmatizadas na cobertura midiática destes Jogos em diferentes países tais como: Alemanha, Inglaterra, Espanha, Grécia e França (DE LÉSÉLEUC *et al.*, 2010; PAPPOUS *et al.*, 2011), China (CHEONG *et al.*, 2016), Turquia (AYVAZOGLU, 2017), Estados Unidos (BUYSSSE; BORCHERDING, 2010; HOUGHTON *et al.*, 2017), Irã, Japão, Malásia, Arábia Saudita, Coreia do Sul, Taiwan, China, Nova Zelândia, África do Sul, Itália (CHEONG

¹ Por conta da pandemia de Covid 19, os JP Tóquio 2020 foram adiados, tendo ocorrido em 2021. Contudo, a marca do evento foi mantida como Tóquio 2020.

et al., 2020) e Brasil (FIGUEIREDO, 2014; HILGEMBERG *et al.*, 2019). Embora essa sub-representação esteja relacionada com um número inferior de provas femininas no programa paralímpico e, conseqüentemente, com o menor número de mulheres participantes no evento (CHEONG *et al.*, 2020; PAPPOUS *et al.*, 2011), isto por si só não parece explicar a secundarização da mulher tanto na quantidade quanto na qualidade da cobertura midiática relativa aos Jogos.

A qualidade da cobertura midiática do esporte paralímpico é importante, pois pode ajudar a perpetuar ou a combater estigmas e preconceitos em relação às pessoas com deficiência (BRITAIN; BEACOM, 2016; VEGAS, 2017). A mídia, pode levar o público a um maior entendimento do paradesporto, aumentando a cultura esportiva a respeito desse (SANTOS, 2018; SANTOS *et al.*, 2020a). Ela pode também contribuir para com o processo de legitimação do paradesporto, bem como ajudar a combater os capacitismos e sexismos presentes no contexto do esporte paralímpico (FIGUEIREDO, 2014).

Mas como tem sido a cobertura realizada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), instituição responsável pela gestão, desenvolvimento e divulgação do paradesporto no Brasil? Ela tem potencialmente ajudado a empoderar mulheres atletas e a legitimar o paradesporto feminino ou tem sido permeada pelos sexismos que transversalmente afetam diferentes setores da mídia e da sociedade? Considerando estas questões, desenvolvemos uma pesquisa com o objetivo de analisar a cobertura da assessoria de imprensa do CPB dos JP Rio 2016, tendo como foco as possíveis convergências e divergências na distribuição numérica e nas formas de representação de atletas homens e mu-

Iheres. Para tanto, tivemos como objetivos específicos: (a) identificar os critérios de noticiabilidade das publicações e se estes se aplicavam igualmente a ambos os gêneros; (b) verificar se havia diferenças de gênero nas narrativas a respeito das/dos atletas (c) verificar se haviam diferenças na distribuição numérica e no posicionamento das imagens de homens e mulheres.

Centramo-nos na análise da cobertura referente aos JP Rio 2016 devido à importância histórica desta edição para o esporte paralímpico no país. O fato destes Jogos terem ocorrido no Brasil despertou maior atenção tanto do público quanto da imprensa brasileira para o evento. Conforme Santos *et al.* (2020b), isso ocorreu devido a um maior interesse do público por notícias sobre os JP, e consequentemente, a imprensa brasileira passou a dar mais atenção ao evento nesta edição. A Folha de São Paulo, por exemplo, mais que dobrou a sua produção sobre os JP Rio 2016 em relação às edições anteriores (SANTOS *et al.*, 2019). O estudo da produção de assessorias de imprensa é fundamental, pois elas servem tanto como divulgadoras para o público em geral interessado no esporte paralímpico, quanto como fontes para a produção de notícias em outros veículos de comunicação (CARVALHO, 2016; FENAJ, 2007). Santos *et al.* (2020b), por exemplo, ao pesquisarem o processo de produção de notícias a respeito dos JP Rio 2016, entrevistaram várias/vários jornalistas e verificaram que esses usaram materiais publicados pela assessoria do CPB como uma fonte importante de notícias.

Algumas pesquisas já abordam as práticas do CPB e a sua atuação na divulgação do paradesporto no Brasil (MIRANDA, 2011; PASINI *et al.*, 2020). No entanto, não encontramos estudos que analisas-

sem questões de gênero nas publicações da equipe de comunicação desta instituição. Também não encontramos estudos sobre a cobertura de comitês paralímpicos nacionais de outros países. Investigar as formas de representação das atletas paralímpicas que o CPB faz, bem como outras instituições equivalentes em outros países é importante, pois a posição destas instituições como representantes oficiais do esporte paralímpico, confere legitimidade a seus discursos. As publicações destas instituições precisam ser exemplares, pois servem como base para o trabalho de outros meios de comunicação. A forma com que instituições representativas do esporte paralímpico cobrem e divulgam este tipo de esporte e como elas retratam as mulheres pode – ou não – ajudar a legitimar o paradesporto feminino, empoderar mulheres atletas e incentivar outras mulheres com deficiência a se engajarem no paradesporto.

2. Metodologia

O *corpus* do estudo foi composto pelas matérias produzidas pela assessoria de imprensa do CPB, publicadas no item “Imprensa”, subitem “Notícia” do site oficial da instituição. Escolhemos analisar os JP, uma vez que eles se constituem em um dos maiores eventos esportivos para pessoas com deficiência do mundo. Coletamos as matérias publicadas durante os Jogos bem como nos sete dias anteriores e posteriores a sua realização. Analisamos as matérias de 01 a 24 de setembro de 2016. A coleta se deu *a posteriori*, nos dias 07 e 08 de julho de 2020.

Utilizamos os seguintes critérios de inclusão: a) Discorrer sobre o esporte e/ou as/os atletas paralímpicas/paralímpicos; b) Possuir texto, imagem ou ambos; c)

Possuir alguma relação com a atuação de atletas nos JP Rio 2016. Nossos critérios de exclusão foram: a) Possuir apenas vídeos – quando havia texto e vídeo, analisamos o texto e excluimos o vídeo; b) Matérias sobre outros esportes, outras competições sem estabelecer relação com os JP; c) Matérias sobre atletas, treinadoras/treinadores, entidades, gestoras/gestores sem que fosse registrada alguma relação com os JP. Realizamos uma análise quanti-qualitativa dos dados construída para essa pesquisa, considerando as possíveis divergências e convergências nas publicações relativas a atletas homens e mulheres quanto à: distribuição de matérias e imagens, critérios de noticiabilidade e diferenças na tratativa das/dos atletas durante o processo de cobertura midiática o evento. Quanto às análises quantitativas, contabilizamos as matérias e as imagens considerando se eram exclusivamente vinculadas a atletas de gênero masculino ou feminino e se abordavam ambos os gêneros. Para as imagens, também incluímos uma categoria, para quando não era possível identificar o gênero da/do atleta.

A análise qualitativa foi, em sua maioria, conduzida de maneira indutiva, ou seja, baseada nas principais informações e temas que emergiram das publicações. Para identificar os principais critérios de noticiabilidade, trabalhamos tanto com as principais temáticas abordadas nas publicações e, quando as reportagens tratavam de ambos os gêneros, procuramos identificar se havia um/uma protagonista. Quando positivo, identificamos qual era o gênero dele ou dela. Para determinar o protagonismo, era necessário que preenchessem pelo menos dois dos seguintes critérios: se o nome do ou da atleta estava no título, se ele ou ela estava na imagem e se tinha espaço para

se expressar. Caso mais de um/uma atleta atendesse aos mesmos requisitos, o protagonista era registrado como 'não identificado'. Também observamos os termos usados para inserir as narrativas secundárias na matéria, verificando se eles reforçavam a ideia de secundarização da/do atleta e se havia diferenças de gênero na escolha desses termos.

Em seguida analisamos se as/os atletas possuíam espaço de fala, ou seja, se havia nas matérias citações diretas de suas falas. Verificamos a ordem e frequência das falas de atletas homens e mulheres nas matérias. Igualmente observamos se eram as/os atletas que falavam sobre si ou se outras pessoas é que falavam por elas/eles. Quando outra pessoa falava por elas/eles, verificamos o gênero de quem enunciava.

Para avaliar se havia ou não a presença de estigmas normalmente associado a atletas com deficiência, utilizamos categorias que, conforme outros estudos, tendem a se fazer presentes na cobertura midiática a respeito dos JP:

Infantilização: Ocorre quando se fala da pessoa com deficiência como se ela fosse uma criança, utilizando-se adjetivos infantis e/ou expressões no diminutivo (ex. meninas/meninos, lindinhas/lindinhos). Estas expressões podem passar uma falsa impressão de que as pessoas com deficiência são frágeis e dependentes (DE LÉSÉLEUC *et al.*, 2010; DUNCAN, 2006).

Trivialização: Ocasões em que narrativas não priorizam os feitos atléticos das/dos atletas e sim notícias relacionadas a vida pessoal delas/deles, como por exemplo, seu vestuário, casos amorosos e práticas de lazer (HARDIN; HARDIN, 2005; PAPPOUS *et al.*, 2011).

Vitimização: Situações nas quais o foco das narrativas é na deficiência e as/os atletas são retratadas/retratados como vítimas de tragédias pessoais (HARDIN; HARDIN, 2005; POFFO *et al.*, 2018).

Supercrip: Situações em que se enfoca histórias de superação de adversidades ligadas à deficiência, tratando as/os atletas como super-humanas/super-humanos, super-heroínas/super-heróis (HARDIN; HARGREAVES, 2009; SOUZA; BRITAIN, 2020).

Inserimos as informações relativas às categorias supracitadas em uma planilha *Excel*. Catalogamos as categorias espaço de fala, infantilização, trivialização, vitimização e *supercrip* quanto à sua ocorrência e inserimos o trecho referente à categoria na planilha. A catalogação e análise de todos os dados supracitados nos permitiu gerar as tabelas e demais análises que apresentaremos a seguir.

3. Resultados e discussão

Encontramos 163 publicações e destas 150 se enquadraram nos critérios de inclusão/exclusão supracitados. Dividimos a apresentação e análise dos resultados em três tópicos principais: diferenças de gênero nos critérios de noticiabilidade, nas narrativas sobre atletas e na distribuição das imagens.

3.1 Diferenças de gênero nos critérios de noticiabilidade

Observamos inicialmente os critérios de noticiabilidade, que por sua vez, interferem na visibilidade de determinados tipos de notícias em detrimento de outras. Eles partem do reconhecimento do valor e potencial da informação, ligados a valores sociais que delimitam se a informação deve ou não se tornar uma

notícia pública (SANTOS, 2018; SANTOS *et al.*, 2020b; WOLF, 2000). Em estudo recente sobre o processo de produção de notícias relativas aos JP Rio 2016, Santos *et al.* (2020b) entrevistaram 15 jornalistas brasileiras/brasileiros que cobriram os JP Rio 2016 e concluíram que os principais critérios de noticiabilidade foram: “número de medalhas”, “resultados/vitórias” e “possibilidade de vitória”. A partir do levantamento dos principais temas abordados nas publicações do CPB, observamos que estes três critérios também foram utilizados por sua assessoria de imprensa. Verificamos, no entanto, que este padrão de noticiabilidade se aplicava mais aos homens que as mulheres.

O primeiro ponto que pode influenciar – porém, não é o único determinante – no processo de distribuição das matérias e imagens: a quantidade de medalhas ganhas por gênero. Apresentamos na tabela 1 estas informações:

Tabela 1 – Distribuição de atletas e medalhas² por gênero na equipe brasileira.

		Medalhas		
		Ouro	Prata	Bronze
Feminino	102 (36%)	3	6	12
		Total: 21 (28%)		
Masculino	184 (64%)	12	23	18
		Total: 53 (72%)		

Fonte: Dados da pesquisa.

² Para os fins deste trabalho, contabilizamos para ambos os gêneros as medalhas ganhas em modalidades/provas mistas. Nos JP Rio 2016 o Brasil teve 72 medalhas, 51 medalhas em provas masculinas, 19 em femininas e 2 em provas mistas.

Nos JP Rio 2016, a quantidade de homens foi 28 pontos percentuais maior que a de mulheres. Para Houghton *et al.* (2017), esta diferença se explica porque o programa do evento em 2016 ainda apresentava duas modalidades exclusivamente masculinas, Futebol de 5 e Futebol de 7³. Os homens ganharam 44% mais medalhas, o que pode influenciar em um maior número de publicações sobre atletas homens do que sobre mulheres. Contudo, as atletas mulheres somaram 19 medalhas e tiveram apenas 14 matérias destacando esses resultados. Já os homens tiveram mais matérias do que medalhas: suas 51 medalhas tiveram ao todo 54 publicações.

Um exemplo da desigualdade de gênero no critério “resultados/vitórias” é o caso da atleta Joana Neves, que conquistou a medalha de prata nos 50m livre S5 e bronze nos 100m livres S5 em provas individuais. Nenhum de seus desempenhos ganhou destaque nas matérias, diferentemente, por exemplo, do também nadador Matheus Rheine, que teve sua única medalha em JP (bronze nos 400m livre S11) divulgada em duas publicações diferentes. O atleta ganha destaque secundário em uma matéria, com imagem e espaço de fala. Em contraponto, uma das conquistas de Joana Neves foi divulgada apenas em uma matéria que apresentava o desempenho de várias/vários atletas, por meio da seguinte frase “Com a prata de Joana Silva nos 50m livre S5, o Brasil fechou o dia” (CPB, 2016a).

Outro exemplo é a atleta do tênis de mesa Bruna Alexandre. Ela foi a primeira mesa tenista brasileira a subir ao pódio em competições individuais femininas

³ Hoje denominadas como Futebol de Cegos e Futebol para pessoas com Paralisia Cerebral respectivamente.

em JP. Sua conquista foi anunciada em duas matérias que apresentavam o desempenho de várias/vários atletas. Não observamos a mesma situação ocorrer com atletas homens, que ou foram protagonistas nas matérias ou suas medalhas, independentemente da colocação, ganharam publicações exclusivas. Inclusive, alguns homens protagonizaram matérias que ressaltavam sua colocação mesmo quando não conquistavam medalhas. Destacamos os seguintes casos: Bruno Carra ganhou publicação exclusiva para informar a 4ª colocação na competição de Halterofilismo (CPB, 2016b); Luciano Rezende, ganhou matéria exclusiva com imagem para tratar de sua 4ª colocação no tiro com arco (CPB, 2016c); Rodolpho Riskala ganhou matéria que trata sobre sua 10ª colocação no Hipismo (CPB, 2016d). O mesmo não ocorreu com as mulheres, nenhum resultado que não gerou medalha obteve este tipo de destaque.

A ênfase dada ao desempenho dos homens, mesmo em provas em que não obtiveram medalha, reflete e reforça a hegemonia masculina no esporte. Isso se dá, pois o corpo masculino é percebido como mais próximo da norma esportiva (ANTUNOVIC; WHITESIDE, 2018; FITZGERALD *et al.*, 2017; PEARSON, 2020). Esta percepção, mesmo que de forma inconsciente, pode estar interferindo no maior número de publicações a respeito de atletas homens. Isto, consequentemente, pode contribuir para o reforço da ordem de gênero vigente no esporte.

3.2 Diferenças de gênero nas narrativas

Consideramos aqui a distribuição das publicações por gênero tomando como parâmetro a presença da equipe/atleta em matérias exclusivas ou que

tratavam de ambos os gêneros. Consideramos como “não se aplica” (NA) matérias que não tratavam de atletas, mas de treinadoras/treinadores, eventos, informações sobre o CPB.

Tabela 2 – Distribuição de matérias por gênero.

Gênero	Quantidade	Porcentagem
Feminino	9	6%
Masculino	48	32%
Ambos	86	57%
Não se aplica (NA)	7	5%

Fonte: Dados da pesquisa.

Apenas 6% das matérias foram exclusivamente dedicadas às atletas mulheres, em contraponto aos 32% exclusivamente dedicadas aos homens. Este dado corrobora com os estudos de Houghton *et al.* (2017) e Cheong *et al.* (2020) que apontam a sub-representação quantitativa do esporte paralímpico feminino na mídia. Ambos os estudos pontuam que essa sub-representação está ligada ao número inferior de atletas mulheres nos eventos analisados. Ayvazoglu (2017) analisando a cobertura midiática de dois jornais da Turquia durante os JP Londres 2012 aponta que houve maior cobertura de atletas mulheres (65,6%) que de homens (34,4%). A autora atribui este número aos resultados obtidos, pois das 10 medalhas que o país conquistou nesta edição dos JP, sete foram de mulheres. Contudo, se observarmos os dados apresentados pela autora, as mulheres conquistaram 70% das medalhas e apenas 65,6% de notícias. Logo, assim como em nosso estudo, o número de medalhas de mulheres no evento por si só não explica o nível de atenção dada a elas. Estes dados refletem e reforçam

um processo histórico de baixa visibilidade (ABAJO *et al.*, 2020; ANTUNOVIC; WHITESIDE, 2018) e pouca valorização do esporte feminino e das atletas mulheres (GOELLNER, 2016), além de entraves socioculturais para a inserção da mulher no esporte.

Considerando os 57% de publicações que tratavam de ambos os gêneros, na tabela 3 apresentamos os dados referentes às/aos protagonistas por gênero. Consideramos “não identificado” (NI) quando não era possível determinar uma/um protagonista.

Tabela 3 – Protagonistas.

Gênero	Quantidade	Porcentagem
Feminino	10	12%
Masculino	33	38%
Não identificado	43	50%

Fonte: Dados da pesquisa.

Das 86 matérias que abordavam atletas de ambos os gêneros, dos 50% em que foi possível identificar uma/um protagonista, apenas 12% eram mulheres. Além disso, em 25% das matérias nas quais as mulheres estavam nas narrativas secundárias, foram utilizados termos que reforçavam a essa posição da mulher no esporte paralímpico. Seguem alguns exemplos: “Além dele, Alana Maldonado pode ser a primeira mulher brasileira a subir ao lugar mais alto do pódio, na categoria até 70kg” (CPB, 2016e); “Além deles, Marivana Oliveira também sagrou-se medalhista paralímpica” (CPB, 2016f); “Quem também brilhou no último dia foi Joana Neves” (CPB, 2016g).

Termos como “além dele” e “também” reforçam o fato de haver algo que está sendo tratado em primeiro plano. Em uma hierarquia discursiva e social, a

informação secundária é menos importante e, neste caso é a informação sobre as conquistas femininas que está em segundo plano. Nas poucas vezes que os homens figuravam em narrativas secundárias, não houve a utilização de termos tais como “além de” e “também” para inseri-los nas matérias. Como concluem Rubin (1993) e Scott (1995), a condição de inferioridade feminina é resultante de um processo opressor socialmente construído. As relações de poder entre os gêneros são desiguais e existe um discurso hierarquizado de gênero que legitima práticas masculinas e secundariza as mulheres.

Neste outro exemplo, vemos um excerto da notícia que tratava das chances de medalha da atleta Silvânia Costa:

O Brasil tem grandes chances de pódio com Silvania Costa, no salto em distância na categoria T11. Atual recordista mundial, com a marca de 5,46m, ela entra no campo do Estádio Olímpico às 11h05. Vale lembrar que a atleta é irmã de Ricardo Costa, que conquistou o ouro nesta mesma prova saltando 6m52 (CPB, 2016h).

A utilização da referência do irmão da Silvânia Costa, atleta da mesma modalidade, além de conotar comparação entre eles, enfatiza que o atleta homem já conquistou esse resultado anteriormente. Isto de certa forma minimiza o mérito da possível conquista da atleta, pois, caso ela conquiste o ouro, estará apenas se igualando ao desempenho de seu irmão.

Comparações como as apresentadas são contraproducentes para a legitimação do paradesporto feminino, visto que seguem conferindo à mulher o lugar secundário dentro do esporte. A minimização de realizações femininas também foi constatada no tra-

balho de Figueiredo (2014), que tratava da cobertura midiática de um veículo de comunicação brasileiro sobre os JP Londres 2012.

Quanto ao espaço de fala, das 150 matérias analisadas, 110 possuíam entrevistas com atletas. Tendo em vista o objetivo deste estudo, não analisamos entrevistas que não eram com atletas. A tabela 4 apresenta a distribuição quantitativa das matérias que possuíam exclusivamente falas de mulheres ou de homens ou que apresentavam falas de ambos.

Tabela 4 – Espaço de fala.

Gênero	Quantidade	Porcentagem
Feminino	14	13%
Masculino	64	58%
Ambos	32	29%

Fonte: Dados da pesquisa.

Os homens tiveram um maior espaço de fala (58%) do que as mulheres (13%). Verificamos que nas 32 notícias que apresentavam falas de atletas de ambos os gêneros, as falas das atletas mulheres apareceram antes de falas de homens apenas em oito matérias. Estes números mais uma vez confirmam a secundarização da mulher nas publicações do CPB sobre os JP Rio 2016. A falta de visibilidade e/ou secundarização das atletas paralímpicas na mídia ajudam a perpetuar a hegemonia masculina no esporte (ABAJO *et al.*, 2020). Isto interfere negativamente com a promoção de políticas que atendam às suas demandas no âmbito esportivo (FITZGERALD *et al.*, 2017).

Ocorreram também casos em que atletas homens se pronunciaram sobre o desempenho das atletas mulheres. Por exemplo, em matéria sobre a cano-

agem, um atleta homem de uma dupla mista profere "Há dois anos vivo só do esporte, e é um prazer remar com uma pessoa tão experiente como a Josiane, disse Michel, referindo-se à experiência de sua parceira de barco" (CPB, 2016i). Josiane Lima possui grande experiência na modalidade, tendo participado de JP desde a edição de Pequim 2008. Contudo, quem deu entrevista falando sobre sua capacidade enquanto atleta, foi seu companheiro de dupla. Em nenhum momento dessa, ou de qualquer outra matéria, Josiane Lima ganhou espaço de fala. Neste e em outros casos a capacidade feminina não foi valorizada a partir da visibilidade dada às atletas e sim a partir de falas de homens.

A garantia de espaço de fala para as atletas mulheres discorrerem sobre a sua performance e conquistas, possibilita que elas se tornem protagonistas da construção de sua própria história e da história do esporte paralímpico feminino. Na medida em que atletas com deficiência ganham espaço na mídia para compartilhar experiências vividas a partir do local social que ocupam, outras mulheres com deficiência podem se sentir representadas e, espelhando-se nelas, podem reconhecer novas possibilidades para si próprias.

Conforme afirmamos na metodologia, tínhamos também o propósito de verificar a presença das categorias vitimização, *supercrip*, trivialização e infantilização nas narrativas. Durante a cobertura dos JP Rio 2016 a assessoria de imprensa do CPB se centrou, em grande parte, em conteúdos esportivos, principalmente em informes sobre as datas e horários de competições, os resultados das competições classificatórias e finais. As categorias "vitimização" e "*supercrip*" não apareceram nas narrativas e a categoria "trivialização" apare-

ceu pouco. Apenas oito matérias trataram de assuntos que fugiram de temáticas esportivas. Este resultado contrasta com os de outros estudos que investigaram a produção de outras mídias a respeito dos JP em edições anteriores aos JP Rio 2016 (FIGUEIREDO, 2014; PAPPOUS *et al.*, 2011) ou desta mesma edição dos Jogos (POFFO *et al.*, 2018). A trivialização nas reportagens desloca as atenções, não enfatizando o desempenho e conquistas das/dos atletas, não contribuindo para o processo de divulgação e legitimação do esporte paralímpico. Conforme aponta Amaral (2005), os posicionamentos sociais e políticos de cada veículo de comunicação interfere na forma com que constrói e divulga as informações. O CPB, enquanto instituição responsável pelo esporte paralímpico no Brasil, direciona o seu discurso para conteúdos voltados ao esporte, pois visa divulgá-lo e valorizá-lo.

A categoria "infantilização" se fez presente nas matérias produzidas pelo CPB, tal como verificado em outros estudos. De Léséleuc *et al.* (2010), por exemplo, analisaram a cobertura midiática dos JP de oito jornais de quatro países europeus (Alemanha, Espanha, França e Inglaterra) e concluíram que houve infantilização de atletas de ambos os gêneros como consequência de suas deficiências e supostas fragilidades e dependência. Poffo *et al.* (2018) também analisaram esta categoria na cobertura midiática dos JP de 2012 em um site esportivo brasileiro. Estas/estes autoras/autores concluíram que embora em algumas notícias havia diminutivos que poderiam denotar a infantilização das/dos atletas, aparentemente não houve a intenção de se infantilizá-las/los. Ainda concluíram que, é comum no Brasil o uso de expressões como "meninas" e "meninos" para se referir a pessoas queridas, incluindo atletas.

Já em nosso estudo, verificamos que apenas mulheres/equipes femininas se encaixaram nesta categoria, sendo nomeadas como “meninas”. Isto aconteceu em 10 notícias. Destacamos abaixo duas situações que ocorreram em uma das matérias: “A Seleção masculina venceu a Alemanha [...] enquanto as meninas conquistaram uma vitória maiúscula sobre a Argélia [...] O time masculino joga às 9h e as meninas às 10h30” (CPB, 2016j). Podemos verificar o contraste entre a tratativa dada à equipe masculina, nominada como ‘time’ ou ‘seleção’, enquanto a equipe feminina é reduzida ao termo ‘meninas’. Esta abordagem reduz o esporte paralímpico feminino a um patamar semelhante ao do esporte infantil que, hierarquicamente não possui a mesma estrutura e profissionalismo que as categorias adultas.

3.3 Diferenças de gênero nas imagens

As fotos utilizadas nas reportagens igualmente retratam as diferenças e a preferência pelo gênero masculino em detrimento do feminino na cobertura do esporte paralímpico (HARDIN; HARDIN, 2005). Das 150 matérias analisadas, 145 possuíam imagens. Em todas as matérias as imagens estavam posicionadas no início da página, não havendo distinção de gênero neste quesito. Analisamos quantitativamente a presença de homens e mulheres. Utilizamos a expressão “NI” quando não foi possível identificar o gênero (9 imagens), “Outros” quando as pessoas nas imagens não eram atletas (2 imagens), ou se as imagens eram de locais, paisagens, vistas panorâmicas de jogos, medalhas, mascote (5 imagens).

Tabela 5 – Imagens por gênero.

Gênero	Quantidade	Porcentagem
Feminino	34	24%
Masculino	86	59%
Ambos	9	6%
Não Identificado (NI)	9	6%
Outros	7	5%

Fonte: Dados da pesquisa.

Houve diferença no espaço dado para homens (59%) e mulheres (24%) nas imagens. Fato semelhante foi encontrado por Pappous *et al.* (2011). Ao analisarem a evolução da cobertura fotográfica dos JP Sidney 2000, Atenas 2004 e Pequim 2008, realizada por oito jornais de cinco países europeus (Alemanha, Espanha, França, Grécia e Inglaterra), eles verificaram que 70% das imagens eram de homens e 30% eram de mulheres. Eles observaram, no entanto, que como a participação de mulheres no evento foi menor (28%), não houve uma sub-representação quantitativa delas nas imagens.

Cheong *et al.* (2016) analisaram a cobertura fotográfica de oito jornais da Malásia dos JP Londres 2012 e verificaram que apenas 14,9% das imagens eram de atletas mulheres, em contraponto a 63,9% de imagens de homens. Estes dados não podem ser justificados pelo quantitativo de atletas mulheres, pois estas representavam 35,4% do total de atletas (CHEONG *et al.*, 2016). Em estudo recente sobre a cobertura fotográfica de três jornais da imprensa brasileira dos JP Rio 2016, Hilgemberg *et al.* (2019) pontuam que 70% das imagens eram de atletas homens e 24% de mulheres. Considerando a distribuição demográ-

fica de atletas por gênero (tabela 1), esperava-se que 34% das imagens fossem de atletas mulheres. Ao observarmos que apenas 24% das matérias do CPB apresentavam imagens de atletas mulheres, podemos concluir assim como Cheong *et al.* (2016), que o número inferior de mulheres não foi suficiente para justificar sua baixa representação.

Considerações finais

Identificamos uma menor visibilidade das atletas mulheres e a secundarização dessas na cobertura do CPB dos JP Rio 2016. Poucas matérias eram exclusivamente sobre atletas mulheres e, mais da metade traziam informações de atletas de ambos os gêneros. Das que tratavam de ambos os gêneros, em apenas 12% as protagonistas eram mulheres. Apenas em matérias em que as mulheres figuravam em narrativas secundárias, ocorreu o uso de termos que reforçavam o processo de secundarização delas. Quanto ao espaço de fala, além de mais da metade das matérias possuírem apenas falas de atletas homens, quando ambos falavam, em apenas oito as mulheres falaram primeiro. Mais da metade das imagens eram de atletas homens e apenas 24% eram de mulheres. Apenas as atletas mulheres foram infantilizadas, o que ocorreu em dez notícias.

Se observarmos os critérios de noticiabilidade, nem sempre estes se aplicavam para as mulheres e, em alguns casos, não foram suficientes para explicar essa distribuição desigual das matérias. Mesmo levando em consideração a diferença quantitativa entre homens e mulheres participando dos jogos e o número de medalhas obtidas por essas/esses, ainda houve uma sub-representação e secundarização das

atletas nas matérias. Outras hipóteses podem ser pensadas para tentar entender esses dados, como por exemplo, horários e locais de provas – se as provas femininas ocorriam em horário que facilitava a ida destes/destas jornalistas *in loco*; se a quantidade de jornalistas era suficiente para realizar a cobertura de todos os horários e locais de eventos; se não, quais as modalidades e provas que ocorriam simultaneamente, influenciando o preterimento de uma em detrimento de outra; a colocação obtida no pódio; e, por fim, a facilidade de acesso a estas/estes atletas, pois mesmo a assessoria de imprensa do CPB pode ter dificuldade em conseguir entrevistas com elas/eles. Contudo, ainda que estas hipóteses expliquem as diferenças quantitativas, elas representam um processo de escolha do esporte masculino em detrimento do feminino. Além disso, estas hipóteses ainda não são suficientes para explicar a infantilização apenas das mulheres, a secundarização de suas falas e a preferência pela divulgação de resultados de homens que não foram ao pódio em detrimento de uma maior visibilidade às medalhas obtidas por mulheres.

Nosso estudo revela que a produção de matérias do CPB durante os JP Rio 2016 foi perpassada por sexismos, o que pode prejudicar a legitimação do esporte paralímpico feminino. Como os JP ainda possuem uma organização binária de gêneros, nosso estudo se limitou a investigar questões de gênero a partir desta perspectiva, não considerando outros fatores que podem interferir na noticiabilidade das/dos atletas. Assim, sugerimos novos estudos que: (1) tratem de outras identidades de gênero que não se encaixam nesta perspectiva binária; (2) que investiguem as interseccionalidades entre outros marca-

dores sociais tais como tipo e grau de deficiência, raça, etnia e classe social podem interferir com a noticiabilidade e formas de representação das/dos atletas; (3) que acompanhem a cobertura do CPB em outras edições dos JP. Fazem-se também necessários estudos que verifiquem como tem se dado a cobertura por parte de entidades gestoras do esporte paralímpico em diferentes países, considerando a importância destas entidades enquanto representantes do paradesporto e fontes de informação para outros meios de comunicação que fazem a cobertura dos JP. Estas entidades, dentre outras instituições representativas do esporte e da mídia esportiva em geral, necessitam de acesso a pesquisas como estas para que possam corrigir possíveis vieses, tais como os que constatamos. A divisão de notícias deve ser justa e proporcional, garantindo espaço, visibilidade e qualidade da cobertura para ambos os gêneros. Este tipo de abordagem pode auxiliar nos processos de legitimação do paradesporto feminino e empoderamento de mulheres atletas e de outras mulheres com deficiência que possam vir a se sentir motivadas para se engajar no paradesporto.

Referências

- ABAJO, Judit Martínez et al. Sports Programming, what Place do Women Occupy? **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, p. 1-15, 2020.
- AMARAL, Márcia Franz. Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. **Revista Contracampo**, n. 12, p. 103-114, 2005.
- ANTUNOVIC, Dunja; WHITESIDE, Erin. Feminist Sports Media Studies: State of the Field. In: HARP, Dustin et al. **Feminist Approaches to Media Theory and Research**. 1. ed. Cham: Palgrave Macmillan, 2018. p. 111-130. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-319-90838-0>

AYVAZOGLU, Nalan R. The coverage of female athletes at London 2012 Summer Games in Turkish sports media. **The Anthropologist**, v. 27, n. 1-3, p. 49-57, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09720073.2017.1311688>

BRITAIN, Ian; BEACOM, Aaron. Leveraging the London 2012 Paralympic Games: What legacy for disabled people?. **Journal of sport and social issues**, v. 40, n. 6, p. 499-521, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0193723516655580>

BUYSSE, Jo Ann; BORCHERDING, Bria. Framing gender and disability: A cross-cultural analysis of photographs from the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 3, n. 3, p. 308-321, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/ijsc.3.3.308>

CAMPBELL, Fiona Kumari. **Contours of Ableism: The Production of Disability and Aabledness**. 1. ed. Londres: Palgrave Macmillan, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/9780230245181>

CHEONG, Jadeera Phaik *et al.* Spotlight on Athletes With a Disability: Malaysian Newspaper Coverage of the 2012 London Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 33, n. 1, p. 15-32, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/APAQ.2015-0021>

CHEONG, Jadeera Phaik Geok *et al.* An 11-country analysis of newspaper coverage of the 2016 Rio Paralympic Games. **Disability & Society**, v. 36, n. 5, p. 795-811, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09687599.2020.1756746>

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Planejamento Estratégico 2017-2024**, 2017. Disponível em: <http://gestaorecursos.cpb.org.br/documentos/planejamento/Planejamento-Estrategico-2017-2024.pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Com 10 medalhas, sendo três de ouro, Brasil tem melhor dia nas Paralimpíadas até o momento**, 2016a. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1823/com-10-medalhas-sendo-tres-de-ouro-brasil-tem-melhor-dia-nas-paralimp-adas-ate-o-momento>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Bruno Carra levanta 162Kg e fica fora do pódio no critério de desempate**, 2016b. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1862/bruno-carra-levanta-162kg-e-fica-fora-do-podio-no-criterio-de-desempate>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Tiro com arco tem seu melhor resultado em Jogos Paralímpicos**, 2016c. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1862/bruno-carra-levanta-162kg-e-fica-fora-do-podio-no-criterio-de-desempate>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **No hipismo, Rodolpho Riskalla termina em décimo na disputa individual dos Jogos Paralímpicos Rio 2016**, 2016d. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1814/no-hipismo-rodolpho-riskalla-termina-em-decimo-na-disputa-individual-dos-jogos-paralimpicos-rio-2016>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Judô briga por quatro medalhas**, 2016e. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1853/judo-briga-por-quatro-medalhas>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Felipe Gomes, Daniel Mendes e Marivana Oliveira conquistam mais três medalhas para o Brasil na Rio 2016**, 2016f. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1786/felipe-gomes-daniel-mendes-e-marivana-oliveira-conquistam-mais-tres-medalhas-para-o-brasil-na-rio-2016>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Último dia de natação tem ouro, recorde de medalhas e bronze emocionante no revezamento**, 2016g. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1763/ultimo-dia-de-natacao-tem-ouro-recorde-de-medalhas-e-bronze-emocionante-no-revezamento>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Brasil fecha o oitavo dia da Rio 2016 com mais cinco medalhas**, 2016h. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1783/brasil-fecha-o-oitavo-dia-da-rio-2016-com-mais-cinco-medalhas>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Brasil encerra sua participação no remo e no triatlo**, 2016i. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1845/brasil-encerra-sua-participacao-no-remo-e-no-triatlo>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. **Goalball brasileiro sobra na primeira fase do Rio 2016 e fica com a liderança nas duas categorias**, 2016j. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1815/goalball-brasileiro-sobra-na-primeira-fase-do-rio-2016-e-fica-com-a-lideranca-nas-duas-categorias>. Acesso em: 08 jul. 2020.

DE LÉSÉLEUC, Eric *et al.* The media coverage of female athletes with disability. Analysis of the daily press of four European countries during the 2000 Sidney Paralympic Games. **European Journal for Sport and Society**, v. 7, n. 3-4, p. 283-296, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/16138171.2010.11687863>

DEPAUW, Karen P. The (1n) visibility of disability: Cultural contexts and "sporting bodies". **Quest**, v. 49, n. 4, p. 416-430, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00336297.1997.10484258>

DUNCAN, Margaret Carlisle. Gender warriors in sport: Women and the media. In: RANEY, Arthur; BRYANT, Jennings. **Handbook of sports and media**. 1. ed. Lawrence Erlbaum Associates, 2006, p. 231-252.

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. Gênero e Deficiência: uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484-497, 2014.

FITZGERALD, Hayley *et al.* Representations of the sporting female: Queering paralympic barbie. In: **The Palgrave handbook of feminism and sport, leisure and physical education**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 667-680. Disponível em: https://doi.org/10.1057/978-1-137-53318-0_41

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, n. 108, p. 29-38, 2016.

HARDIN, Marie; HARDIN, Brent. Performance or Participation... Pluralism or Hegemony? Images of Disability & Gender in Sports'n Spokes Magazine. **Disability Studies Quarterly**, v. 25, n. 4, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.18061/dsq.v25i4.606>

HARGREAVES, Jean Ann; HARDIN, Brent. Women Wheelchair Athletes: Competing Against Media Stereotypes. **Disability Studies Quarterly**, v. 29, n. 2, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.18061/dsq.v29i2.920>
HILGEMBERG, Tatiane *et al.* Gênero, esporte e deficiência na cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos Rio-2016. **Cadernos de Comunicação**, v. 23, n. 1, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

HOUGHTON, Emily *et al.* **Women in the 2016 Olympic and Paralympic Games**: an analysis of participation, leadership, and media coverage. Nova Iorque: Women's Sports Foundation, 2017. Disponível em: <http://sharp.research.umich.edu/wp->. Acesso em: 20 dez. 2021.

IPC, International Paralympic Committee. **Strategic Plan 2019-2024**, 2019. Disponível em: https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/190704145051100_2019_07+IPC+Strategic+Plan_web.pdf. Acesso em: 30 out. 2021.

IPC, International Paralympic Committee. **Paralympic Games Tokyo 2020**, 2021. Disponível em: <https://www.paralympic.org/news/tokyo-2020-sets-record-most-athletes-and-women-paralympic-games>. Acesso em: 12 set. 2021.

IPC, International Paralympic Committee. **Paralympic Games Rio 2016**, 2022. Disponível em: <https://www.paralympic.org/rio-2016>. Acesso em: 25 mar. 2022.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 121–156.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019a. p. 235–238.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019b. p. 239–250.

MAIKA, Melinda; DANYLCHUK, Karen. Representing Paralympians: The 'other' athletes in Canadian print media coverage of London 2012. **The international Journal of the History of Sport**, v. 33, n. 4, p. 401–417, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09523367.2016.1160061>

MIRANDA, Tatiane Jacusiel. **Comitê Paralímpico Brasileiro**: 15 anos de história. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

PAPPOUS, Athanasios *et al.* From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. **Sport in society**, v. 14, n. 3, p. 345-354, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17430437.2011.557271>

PASINI, Gustavo Moreira *et al.* Comitê paralímpico brasileiro: análise do ambiente, estratégia e estrutura organizacional. **Motrivência**, v. 32, n. 63, p. 01-20, 2020.

PEARSON, Erin. **Informing Future Media Approaches: The Perspective of Paralympic Athletes Keywords**. 2020. Electronic Thesis and Dissertation Repository. University of Western Ontario. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/etd/7115>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p.263–274, jul./dez. 2008.

POFFO, Bianca Natália *et al.* A cobertura midiática dos jogos paralímpicos de Londres/2012 no portal Globoesporte. com. **Revista Brasileira de Ciência do Movimento**, v. 26, n. 2, p. 92-102, 2018.

ROCHA, Camilla Rodrigues Netto da Costa. **O consumo simbólico do esporte e o jornalismo feminista: entrecruzamentos discursivos na representação da mulher esportista na imprensa feita por e para mulheres**. 2020. 131 f. Tese (Programa de Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2020.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: Notas sobre a "Economia Política" do sexo**. Recife: SOS Corpo, 1993.

SANTOS, Silvan Menezes dos. **O processo de produção de notícias dos jogos paralímpicos 2016**: rotinas, critérios e valores do jornalismo esportivo paraolímpico. 2018. Tese (Programa Pós-graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SANTOS, Silvan Menezes dos *et al.* Esportividade, melancolia, nacionalismo e deficiência: a cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos pelas lentes da Folha de São Paulo (1992–2016). **Motrivência**, v. 30, n. 56, p. 76-99, 2018.

SANTOS, Silvan Menezes dos *et al.* A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paralímpicos de 2016. **Novos Olhares Sociais**, v. 3, n. 1, p. 235-261, 2020a.

SANTOS, Silvan Menezes dos; SOLVES, Josep; SOUZA, Doralice Lange de. The news production process in the Brazilian journalistic coverage of the 2016 Rio Paralympic Games. **Journalism**, p. 1-19, 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884920965440>

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez.1995.

SOUZA, Doralice Lange de; BRITAIN, Ian. The Rio 2016 Paralympic Games: The visibility of people with disabilities in Brazil as a possible legacy. **Communication & Sport**, v. 10, n. 2, p. 334-353, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2167479520942739>

TEJADA, Sandra Candelas; LÓPEZ, Graciela Mulet. Mujeres, diversidad funcional y multidiscriminación. **Journal of Feminist, Gender and Women Studies**, v. 7, p. 45-56, março 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15366/jfgws2018.7.005>

VEGAS, Xavier Ramon. Sports journalism ethics and portrayal of race and disability. The coverage of the London 2012 Olympics in the British, American and Spanish quality press. **Comunicació: revista de recerca i d'anàlisi**, p. 21-45, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.2436/20.3008.01.153>

WENDELL, Susan. **The Rejected Body: Feminist Philosophical Reflections on Disability**. New York: Routledge, 1996.

WOLBRING, Gregor. The politics of Ableism. **Development**, v. 51, n. 2, p. 252-258, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/dev.2008.17>
WOLF, M. **La investigación de la comunicación de masas: crítica y perspectivas**. 1. ed. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1987.